

Entre Memória e Oralidade: Serrote a História (não) Fotografada ¹

Maria Clara Gomes Simões²

Helen Campos Barbosa³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XIV

RESUMO

O presente artigo nasce do meu projeto de trabalho de conclusão de curso (TCC), com o objetivo de contar a história do Povoado de Serrote em um documentário, a partir das fotografias de álbuns de família registradas pelos próprios moradores da comunidade. A metodologia usada para a escrita deste trabalho baseia-se na escrevivência (Evaristo, 2020), conceito cunhado pela autora e pesquisadora Conceição Evaristo, na oralidade primária (Levi, 2014), na fotoescrevivência (Neres, 2021) e no conceito africano de contador de histórias na figura do *griot* (Ferreira, 2012).

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Álbuns de família; Fotografia; Escrevivência; Fotoescrevivência

O Povoado de Serrote fica localizado na cidade de Conceição do Coité, há cerca de quatro horas da capital baiana. Segundo o folheto “A história do Serrote” feita pelos próprios moradores, em 2013 o povoado é constituído por 91 famílias e 344 moradores⁴, entretanto não possuímos nenhum dado atualizado além desse realizado em 2013. É bastante difícil encontrar algo sobre o povoado na internet, as buscas geralmente direcionam para o Povoado de Serrolândia ou apontam para o povoado como BA 411, levando até as reportagens de acidentes de trânsito, mostrando que possui pouca ou nenhuma produção sobre o Povoado de Serrote.

Localizado no território do Sisal - antes chamado de Sertão dos Tocós- este território era composto por um povo indígena (os tocós) que viviam no território que hoje conhecemos como região do sisal. Por estar inserido neste território, o povoado de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Graduanda em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade do Estado da Bahia, 7º semestre | mariasimoesfacul@gmail.com

³ Professora do Curso de Comunicação Rádio e TV da UNEB-Campus XIV, e-mail: helenjornalismo@gmail.com.

⁴ Informação retirada do folheto “História do Serrote”

Serrote descende de negros e indígenas que construíram a fazenda Serrote, fundada em 1933 por José Maria Pereira Gomes (Zé Maria) e Antonio Pereira Gomes (Antonio Bizer). A memória e história do povoado era mantida através da oralidade pelos mais velhos da comunidade, na figura do *griot*. “Os griots, como são conhecidos, são anciãos responsáveis por transmitir aos mais novos as memórias do povo, da comunidade, por meio da narração de histórias (Ferreira, 2012)”, muitos desses idosos responsáveis por manter as tradições culturais e disseminar as histórias do povoado através da tradição oral já não estão mais vivos. Hoje em dia estas mortes refletem nas manifestações culturais do povoado que muitas delas deixaram de ser celebradas.

Como moradora do povoado, me sinto na responsabilidade de contar nossa história. Enquanto pesquisadora e por trabalhar com audiovisual compreendo a importância e a contribuição da minha pesquisa para a visibilidade do povoado, enxergando uma potencialidade na minha produção. Meu compromisso aqui é com a nossa história, a história que poucos conhecem. Uma história que ainda não foi contada para além do povoado. Meu objetivo é difundir esta história de maneira sensível, fiel às narrativas dos entrevistados e às memórias familiares, além de buscar despertar nos moradores os sentimentos de orgulho, pertencimento e senso de comunidade. Pensando na fotografia como um símbolo da memória para além de fontes que comprovam a oralidade, busco abordar as potencialidades e as possibilidades da fotografia na (re)construção da memória e história de um lugar. A fotografia aqui ocupa e desempenha várias funções não tendo caráter comprobatório, mas sim de uma rememoração afetiva. É um símbolo de afeto, um narrador, recurso visual, intermediador da fala, parte da memória, além de uma ferramenta metodológica (Gusmão e Souza, 2008).

Trago também o conceito de fotoescrivências pensando por Vilma Neres (2021) a partir da concepção de escrituras de Conceição Evaristo (2020), pensando na ideia de comunidade, nas vivências e nas experiências que compartilhamos no coletivo, enquanto comunidade. O conceito cunhado por Neres contempla a ancestralidade e as origens negro-indígenas do povoado. Além disso, enquanto mulher negra, minhas (escre)vivências aparecem nas minhas produções, sejam elas escritas ou audiovisuais.

Paralelo a isso, pretendo traçar uma relação entre Susan Sontag (2004) e Koutsoukos (2010), pensando nas relações de poder que envolvem as fotografias e álbuns de família.

Pensando na narrativa histórica, me preocupa o perigo de ter uma história única (Adichie, 2019), que impacta significativamente na história de um lugar e no apagamento de uma comunidade. Por isso destaco a importância do protagonismo do meu trabalho ser a pluralidade de vozes dos próprios moradores que irão narrar a própria história da comunidade. Benjamin (1994) fala sobre a narração e a figura do narrador, abordando duas famílias de narradores: o camponês e o marinheiro, que aqui representam os moradores e têm um papel fundamental na produção da narrativa.

Dentre os conceitos abordados por mim a memória é recorrente e está intrinsecamente ligada à oralidade. Pensando nisso, trago a psicologia cognitiva abordada por Lévy (2014), para pensar o papel da memória e usar a fotografia como uma estratégia de elaboração. Assim como Lévy, observei como a memória é significativa para alguns povos, especialmente os povos africanos e os afrodescendentes brasileiros, que veem na figura do Griot (Ferreira, 2012) a sabedoria através da fala. Ainda baseada nas ideias de Levy, uso a ideia de oralidade primária como apoio para pensar a metodologia. Segundo o autor, “Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva (Levy, 2014 p.47).

Pensando na execução, em uma situação parecida a que apresento neste projeto, Andréa Barbosa e Fernando Monteiro trazem em “Vila Maria Zélia, memórias, imagens e produção de um lugar” uma abordagem similar a que pretendo executar. Aqui, as imagens são interlocutoras da memória da vila, elas constituem uma comunidade de memória e é através da memória familiar que eles vão contar a história da vila a partir das fotos da família Street e as intervenções de uma outra família que vive nas ruínas da escola para meninas.

Toda narração tem direção e nesse caso éramos nós, antropólogos e pesquisadores interessados em pensar a relação das memórias familiares na sua relação com a construção de uma memória da cidade. Nossa questão era pautada por uma discussão sobre a constituição de uma memória coletiva que não se construía sem os atravessamentos de memórias individuais. (Campos et. al, 2022 p. 154)

Aqui a ideia de família perpassa a ideia de família biológica e nos leva a pensar nas relações que construímos ao longo da vida com as comunidades familiares. Sobre isso, bell hooks nos diz que:

Para garantir a sobrevivência humana em todos os lugares do mundo, mulheres e homens se organizam em comunidades. Comunidades alimentam a vida — não as famílias nucleares nem o “casal”, e tampouco a dureza individualista. Não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade (hooks, 2021).

O conceito de família estendida pensado por hooks nos faz refletir sobre as potencialidades das comunidades nas relações e no que entendemos como amor.

Por fim, todas as ideias, conceitos e autores apresentados aqui partem de um ponto em comum. A memória e a oralidade estão conectadas e dentro de uma comunidade desempenham um grande papel nas relações comunitárias e familiares. Aqui representado pelos mais velhos, são eles os responsáveis pela difusão das histórias a partir das experiências e escrivências de outros que vieram antes deles e que confluem para contar e recontar a história do povoado a partir desse mecanismo e dispositivo que é a fotografia.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 12 de agosto de 2019.

BARBOSA, Andréa; CAMARGO, Fernando Monteiro. **Vila Maria Zélia, memórias, imagens e produção de um lugar**. *Campos - Revista de Antropologia, [S. l.]*, v. 23, n. 1, p. 143–171, 2022. DOI: 10.5380/cra.v23i1.79360. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/79360>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

FERREIRA, Amanda Crispim. **“RECORDAR É PRECISO”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA DO GRIOT E A IMPORTANCIA DE SUAS NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA AFRO-BRASILEIRA**. Em Tese, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 141-155, ago. 2012. ISSN 1982-0739. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3813/3759>>. Acesso em: 19 jun. 2024. doi: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.18.2.141-155>.

FILHO, E. F. dos S.; ALVES, J. B. **A TRADIÇÃO ORAL PARA POVOS AFRICANOS E AFROBRASILEIROS: RELEVÂNCIA DA PALAVRA**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 9, n. Ed. Especi, p. 50–76, 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/464>. Acesso em: 30 out. 2024.

FREIXO, Alessandra Alexandre. **DO SERTÃO DOS TOCÓS AO TERRITÓRIO DO SISAL: RUMO À INVENÇÃO DE UMA REGIÃO E UMA VOCAÇÃO**. Revista Geografares, nº 8, 2010.

GUSMÃO, D. S. JOBIM, S. **A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção**. Psicologia & Sociedade, v. 20, n. spe, p. 24–31, 1 jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RTz6FyXqDbYKJNn8YpDdFxN/?lang=pt>. Acesso em: 30 de out 2024. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400005>

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LÉVY, Pierre. **AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://lucianabicalho.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/02/as-tecnologias-da-inteligencia.pdf>.

MARTINO, L. M. S. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: Projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018

OS TRÊS TEMPOS DO ESPÍRITO: A ORALIDADE PRIMÁRIA, A ESCRITA E A INFORMÁTICA. In: LÉVY, Pierre. **AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010

NERES, Vilma. **A escrita com a luz das fotoescrivências**. Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=kA8rEAAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-PT&pg=PT7#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 6 jul. 2024.